CONTRIBUIÇÃO AO CONHECIMENTO DA ECOLOGIA DA FLORESTA PLUVIAL TROPICAL E SUA CONSERVAÇÃO – 3

ROSE CLAIRE MARIA LAROCHE*

SUMÁRIO

Neste trabalho apresentamos informações sobre a mata pluvial tropical do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, e damos algumas sugestões para sua recuperação.

Descrevemos aqui a composição florística com suas espécies mais freqüentes, de importância econômica ou não.

INTRODUÇÃO

As matas tropicais nas regiões de pluviosidade elevada e sem período seco definido, com umidade constante, são capazes de uma regeneração florística. É o caso das matas tropicais pluviais do Jardim Botânico e da Floresta da Tijuca do Rio de Janeiro, que foram devastadas pelas culturas e estão quase totalmente cobertas de florestas densas. Exceto algumas áreas nas quais as causas édaficas impediram a regeneração.

MATAS PLUVIAIS TROPICAIS DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

Elas são resultantes, na maioria, de uma vegetação secundária. A comunidade vegetal aí existente apresenta diferentes níveis de altura, dispostas em camadas ou estratos.

A sinúsia arbórea apresenta um estrato arbóreo superior, representado por espécies de 35-40 m de altura. Árvores menores pertencem ao estrato arbóreo intermediário e outras de menor porte ainda, que fazem parte do estrato arbóreo inferior.

A sinúsia arbustiva, geralmente não muito densa, apresenta uma vegetação que vive abaixo dos estratos arbóreos.

Outras sinúsias apresentam espécies vegetais que recobrem os troncos e ramos das árvores ou vegetais que sobem sobre as plantas que lhes dão suporte. É o caso das lianas e epífitas.

A sinúsia erbácea apresenta uma vegetação baixa variando desde 1 mm até 80 cm de altura.

(*) Pesquisadora – Bolsista do CNPq, Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

Quanto à composição florística, as matas do Jardim Botânico são constituídas por espécies de larga amplitude ecológica e outras estritas ou de dispersão difícil, que sobreviveram da formação virgem. A vegetação é rica e variada nos seus estratos característicos.

As árvores de grande porte são a *Cariniana excelsa* Casar — Jequitibá vermelho, *Cedrella fissilis* Vell. — Cedro, *Cecropia* sp. — Embaúba, que significam que a vegetação virgem foi anteriormente derrubada ou sofreu queimadas sucessivas. Entre as árvores de menor porte ocorrem a *Piptadenia peregrina* Benth e *P. colubrina* (Vell.) Benth. — Angicos, e *Melanoxylon braúna* Schott. — Braúna. Ocorrem ainda fazendo parte do estrato arbóreo inferior exemplares remanescentes de uma população de *Euterpes edulis* Mart. — Palmito. Durante os dias que estivemos nas matas de Friburgo, onde o Palmito ocorre com frequência, observamos que os frutos desta planta servem de alimentos a vários animais. Sendo o Palmito um elemento vegetal, que desempenha papel importante na comunidade biótica, vamos reintroduzi-lo nas matas do Jardim Botânico.

As lianas estão representadas pelas espécies das famílias *Bignoniaceae*, *Aristolochiaceae*, *Sapindaceae* e pela *Trigonia candida* Warm — Cipó de Macaco, que viceja especialmente nos locais úmidos da mata.

As epífitas mais freqüentes são a *Vriesia imperialis* e a *V. geniculata* Wawra, atingindo grandes proporções com 3-5 m de altura, com folhas bastante compridas. Estas espécies de *Bromeliaceae* são habitat de muitas espécies da fauna. Inter-relação significativa para comunidade biótica local. Em excursões realizadas às matas de Teresópolis podemos observar outras espécies das famílias *Orchidaceae*, *Gesneriaceae*, que viviam como planta terrestre nas clareiras, enquanto na mata densa do Jardim Botânico viviam epifiticamente. Fato importante sobre as adaptações das plantas à vida epifítica para obter condição de iluminação favorável.

Representando a vegetação arbustiva a *Tibouchina granulosa* Cogn., que se destaca na paisagem pela sua florada roxa, e indicadora de mata secundária. As Palmeiras do gênero *Geonoma* e os Fetos Arborescentes, representados pelos gêneros *Alsophila*, *Cyathea* e *Hemitelia*.

As plantas erbáceas estão representadas por diversas espécies dos gêneros *Begonia*, *Anthurium*, *Calathea*, além de musgos, selaginelas, avencas e líquens.

RECUPERAÇÃO DAS MATAS DO JARDIM BOTÂNICO DO RIO DE JANEIRO

Após a derrubada das matas primárias do Jardim Botânico, houve uma regeneração natural na maior parte de suas áreas, graças a um grande número de tocos que rebrotaram e de sementes que germinaram e se desenvolveram. O resultado foi a formação da capoeira e em seguida do capoeirão e, finalmente, a reconstituição dos estratos característicos (sinúsias) da mata secundária. Existem, entretanto, áreas onde não houve uma regeneração. Estas áreas precisam ser recuperadas. O desmatamento e sucessivas queimadas deterioram a vegetação e o solo. As queimadas impediram a regeneração e a lixiviação empobreceu o solo. Os fatores climáticos: insolação, temperatura, precipitação, evaporação e ventos agiram diretamente sobre o solo que ficou exposto.

Sugerimos que para a recuperação destas áreas sejam levados em consideração estes fatores. Os reflorestamentos que forem iniciados para auxiliar a natureza na rege-

neração da vegetação devem ser baseados na reconstituição do solo. O solo é muito importante para a floresta. Existe uma evolução paralela entre floresta e solo. As características pedológicas e a composição florística são solidárias.

RESUMÉ

Nous présentons dans ce travail des renseignements concernant la forêt tropicale du Jardin Botanique de Rio de Janeiro, et nous donnons quelques suggestions pour sa récupération.

Nous decrivons ici la composition floristique des espèces les plus fréquents qu'elles aient une importance économique ou pas.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, que patrocinou a realização deste trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUBREVILLE, A., 1961. Étude Ecologique des Principales Formations Végétales du Brésil. Nogent sur Marne (Seine) Centre Technique Forestier Tropical 268 p.
- BLANQUET, J.B., 1959. Sociologia Vegetal 444 p. Buenos Aires.
- COUTINHO, L.M., 1962. Contribuição ao Conhecimento da Ecologia da Mata Pluvial Tropical. Bol. Fac. Fil. Cienc. Letr. Univ. São Paulo 18: 220 p.
- KURT, H., 1972. As florestas da América do Sul 466 p. São Paulo.
- LAROCHE, R.C.; LANDINI, C.M., 1976. Aspecto do Clima e da Flora do Parque Nacional da Tijuca. Brasil Florestal 25: 3-12.
- SCNELL, R., 1971. Phytogeographie des Pays Tropicaux Vol. 1 e 2. Paris.
- VIENNOT-BOURGIN, G., 1960. Rapports du Sol et de la Végétation. Paris 183 p.

Aspecto da mata secundária (capoeira) do Jardim Botânico do Rio de Janeiro.